

Senadores extinguem bloco do governo e vão negociar votos

Dodora Guedes

BRASÍLIA — O bloco do governo no Senado, formado por 22 senadores do PFL e PRN e liderado pelo senador Marco Maciel (PFL-PE), será extinto. Seus integrantes reuniram-se na quarta-feira e resolveram formar em 1992 um novo bloco, sem compromisso explícito de apoio ao presidente Fernando Collor. Eles disseram ao senador Marco Maciel e ao presidente do PFL, senador Hugo Napoleão (PI), que pretendem atuar junto com o PTB, PDS e PDC, partidos que não pertencem à bancada governista mas atuam como linha auxiliar do Palácio do Planalto.

“Por que temos sempre de ouvir o que presidente Collor e o ministro Passarinho estão pensando? Por que eles não passam a nos ouvir? Somos identificados como governistas, mas passamos um ano votando aqui sem que o Executivo nos valorizasse politicamente”, questionou o senador Elcio Álvares (PFL-ES) durante a reunião. Diante do líder Marco Maciel, que deixava visível seu constrangimento, Álvares continuou: “Não se trata de querer cargos, mas sim de receber tratamento político, de ser ouvido.” Ele advertiu que a insatisfação do PFL com o governo deve explodir em janeiro, no encontro nacional do partido.

A reunião, realizada no Arquivo do Senado, teve a presença de senadores dos partidos integrantes do novo bloco. O senador José Eduardo Vieira (PTB-PR), um dos articuladores do movimento, destacou que PFL, PRN, PTB, PDS e PDC reúnem 38 votos, número suficiente para torná-los a bancada majoritária do Senado. Com isso, imagina Vieira, o grupo poderá reivindicar a presidência da Casa e a relatoria da poderosa Comissão de Orçamento do Congresso, que em 1992 caberá a um senador.

“Nós assistimos este ano a um movimento disperso, em que a votação de



Brasília — Aldori Silva

Passarinho: alvo na reunião da qual Amin participou

cada projeto foi um parto”, constatou o senador Esperidião Amin (PDS-SC). “Juntos, temos 38 votos, o que é uma maioria folgada. Mas que maioria é essa, que nos põe sempre a reboque do que quer o governo ou do que determina o PMDB?”, criticou o senador Elcio Álvares. Dirigindo-se ao líder Marco Maciel, acrescentou: “Você mesmo, Marco, às vezes é obrigado a lutar por projetos que nem lhe são comunicados previamente, como agora, no caso da renegociação das dívidas dos estados, um projeto que causa repulsa à maioria dos senadores.”

Os senadores tiveram o cuidado de explicar a Maciel que o fim do bloco do governo não é um questionamento a sua liderança. “O que nós não concor-

damos mais é com esse atrelamento ao governo”, disse o senador Henrique Almeida (PFL-AP), recebendo o apoio de Carlos Patrocínio (PDC-TO), Jonas Pinheiro (PTB-AP) e João Rocha (PFL-TO). Entre os presentes à reunião, apenas os líderes do PRN, senador Ney Maranhão (PE), e do PDS, senador Oziel Carneiro (PA), suplente do ministro Jarbas Passarinho, não aceitaram de pronto a tese do novo bloco. “Não se pode formar bloco sem o apoio do governo”, argumentou Maranhão, com apoio de Oziel. Mas seus companheiros estão certos de que na próxima legislatura poderão assumir a maioria no Senado sem que isso signifique atrelamento ao Palácio do Planalto.